

RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR: ARG. JERÓNIMO REIS	REDACTORES: ANTÓNIO GAIO CARLOS P. MORAIS	DIRECTOR <i>Higino Augusto Pires</i>	PROPRIEDADE DA A. A. E. (SECÇÃO CULTURAL)	REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RUA 11-104 — ESPINHO
--------------------------------------	---	---	---	--

Composto e impresso — TIP. PROGRESSO — ESPINHO

AVULSO 2\$00

ANO II N.º 19-31 de Janeiro de 1949

EDITORIAL

ÉRAMOS POUÇOS...

Iniciamos há onze anos a nossa marcha sobre o tempo. E'ramos moços, animados das fatais quimeras da bela mocidade. E'ramos moços e moços continuámos a ser no entusiasmo que, desde o primeiro dia, puzemos na nossa empresa. E'ramos poucos mas, dia a dia, aumentámos o número das nossas vozes e o número dos nossos corações. O fio de água que éramos ao nascer transformou-se em corrente caudalosa, de sangue viril e jovem.

Iniciamos há onze anos a nossa escalada, rumo a novos horizontes. Levávamos connosco a coragem louca da inconsciência moça, o entusiasmo da nossa mocidade.

Niuguém olhava para nós; ninguém reparava em nós. A nossa iniciativa devia malograr-se como tantas outras...

Mas cerrámos os dentes e cerrámos fileiras. Subimos a custo — mas subimos! — os primeiros lances da grande caminhada. Tínhamos os olhos postos no Horizonte longínquo, misterioso e belo. E lutámos por esse Futuro. E sofremos por ele. E por ele nos sacrificámos. Ninguém desertou, ninguém. E'ramos todos soldados dum mesmo ideal, com uma mesma vontade e com uma só alma.

Caíamos aqui para nos levantarmos ali. E cada vez que nos erguíamos, erguíamo-nos mais decididos na nossa vontade de vencer.

E continuámos a subir. E subimos. E subimos mais. Cada ano foi um passo na conquista do Horizonte que ansiamos.

Hoje estamos ainda a meio da jornada. Temos ainda tanto que subir!... Mas atrás de nós vem uma mocidade mais aguerida do que a nossa; uma mocidade que pode aplicar as suas forças viris na conquista da nova etapa. Porque o caminho até ela já nós o desbravámos, já nós o conquistámos.

Atrás de nós vêm as forças que hão-de elevar bem alto o nome da Associação em que cada um de nós tem uma parcela do seu espírito e do seu sangue — a Associação Académica de Espinho.

E chegará o dia em que o Sonho se converterá em Realidade e a Associação Académica será uma realidade positiva no plano superior da Cultura Nacional!

Há onze anos iniciámos a nossa caminhada... éramos poucos...

Hoje somos muitos...

Amanhã seremos mais...

E atingiremos os Horizontes por que desde o primeiro dia temos lutado!

MAIS UM ANO

Completo no passado dia 22 mais um ano de existência a Associação Académica de Espinho.

Onze anos volvidos sobre o dia em que um grupo de estudantes, depois de uma sublime manifestação de solidariedade académica, decidiu criar uma instituição sua e que dignificasse a terra onde haviam nascido ou viviam, pode pôr-se o problema de saber em que medida foram conseguidos os ideais que determinaram esse grupo.

Corresponde a Associação Académica àquilo que dela se esperava?

A resposta, ainda que nos pese, tem de ser negativa: está muito longe, muitíssimo longe, dos objectivos que através dela se pretendia conseguir.

Idealizou-se inicialmente uma Associação Académica que, a par do Desporto, abrisse as suas portas, a todos quantos, estudantes ou não estudantes, quisessem adquirir mais elementos de cultura, para a sua formação. Projectou-se que cada sócio teria na sede, todas as noites, dos seus colegas mais adjantados, as explicações de que carecesse. Que todas as semanas se realizariam conferências, nas quais os sócios poderiam versar e criticar, livremente, os mais variados assuntos, sob a direcção de pessoa conhecedora da matéria tratada, que finalizaria o debate com um remate crítico das opiniões expendidas. Que todos os meses se traria a Espinho um conferencista de vulto, para dar a conhecer a todos os problemas que preocupam os homens pensantes e o modo como têm sido equacionados. E, entre outras várias realizações, que a Associação abrisse as suas portas de par em par aos alfabetos — praga que existe, em maior grau do que muitos supõem e outros afirmam — a quem os sócios revegando-se, ensinariam o indispensável à obtenção do diploma do curso de instrução primária.

Tudo isto se sonhou. E, de tudo pode dizer-se que quase nada se fez. Não se conclua daqui, porém, pela censura à orientação imprimeada à colectividade, pelos seus sucessivos dirigentes, nem se enverede pelo desânimo.

O que se fez, à custa dos sacri-

fícios de meia dúzia de associados, que se mantiveram fieis à sua causa, e com rendimentos que não dariam para mandar tocar um cego — quando todos sabem que, em dias de hoje, até possuidores de muito boa vista tocam por baixo preço — pode considerar-se milagroso.

Não se esqueçam as condições precaríssimas em que a Associação Académica tem vivido, desde a sua criação. Tem um número muito reduzido de sócios, que lhe dão as suas receitas, tão pobres, que obrigam os praticantes das várias secções desportivas a pagar à sua custa todas as despesas que realizam com a modalidade de desporto que praticam. Viveu quase todos estes anos sem uma sede, que permitisse dar realização a qualquer das suas aspirações culturais. E, como não podia deixar de ser, tem sido vítima do desinteresse do meio ambiente — anátema que parece caracterizar Espinho, por se verificar na quase totalidade das iniciativas sérias que aqui se tomam.

Não ignorando isto e lançando o olhar sobre o que se tem conseguido fazer, tem de concluir-se que não há a menor ponta de exagero no que afirmamos. A Associação Académica realizou jogos florais, promoveu récitas várias, saraus de arte e conferências; fez alinhar nas suas fileiras, ao lado dos estudantes, sem distinções de qualquer natureza, a juventude trabalhadora de Espinho, a quem as circunstâncias não permitiram a continuação dos estudos; tentou insistentemente organizar o seu orfeon e, não obstante o desinteresse que nota pela iniciativa, não desiste do seu propósito; e tem em organização uma biblioteca, que permitirá aos sócios a leitura em casa dos livros de que a biblioteca dispuser. No campo desportivo, a Associação mantém em actividade sete secções — oquei em patins, oquei em campo, basquetebol, voleibol, ping-pong, atletismo e ténis — com atletas que pelo seu comportamento desportivo, têm merecido da imprensa as mais elogiosas referências.

Se tudo isto fosse considerado

Continua na pág. 3

Prosas Bárbaras

ARTIGO SEM FUNDO

EXPLICAÇÃO DUMA ATITUDE

Há pessoas que não sabem rir; outras nem sequer sorrir. Aprenderam cedo a atitude imponente da sizudez mediatubunda. Foram educados despoticamente no falso credo da fachada sofisticada da sizudez como característica de forte personalidade. Envelheceram novos. Aprenderam a falar com ar sabichorro e a menear os crâneos pontegados em oscilações discretas e magistras.

Há mãis para quem a educação se resume na famosa expressão estilizada: O menino porte-se com juízo! E o menino, com duas ou três carícias das esquelidas mãos maternas, reduz-se à sua insignificância e aprende, dolorosamente, a ser o menino bem comportado das histórias bíblicas.

No meu tempo eu tinha certos professores que dir-se-iam lobis-homens. O menor riso, a menor travessura, era castigada com aquela severidade de um segundo pai que não se esquece que é padrao.

Em toda a minha vida tenho verificado que a sociedade em que vivemos, pretende tolher o riso. Ao homem sério, sizudo, de ar mifistofélico e voz cavernosa, impõe-se o respeito público, a admiração do vulgo.

Quando alguém se sorri ouve-se uma voz, nascida nas cacumbas, censurar discretamente: Este assunto é sério.

Tudo é sério, para certos indivíduos que eu conheço. Escutam um orador ridículo e obtuso, berrante de asneiras, com o ar sizudo e mediatubundo com que escutariam Kant ou Platão. Ouvem um concerto de piano, que é insulto da sua espécie, com o ar beatífico de quem escutaria um Rubinstein. E quando alguém se ri, lançam um olhar assassino sobre a multidão e afirmam: Respeitemos o artista! Respeitemos o trabalho!

Ora, meus senhores, eu admiro, profundamente, o vosso generoso coração, a vossa cândida alma, mas... preciso de dizer-vos o seguinte:

— Quanto à educação das crianças não concordo convosco. E não há coisa que me aborreça mais que esses gêniozinhos precoces que discutem Kant e tocam piano, que jogam xadrez e discutem o problema sexual. E' possível que os pais de tais gêniozinhos se sintam vaidosos, orgulhosos, do seu rebento.

Mas já pensaram nas horas de estudo, de sofrimento, de canseiras, que fizeram esses gêniozinhos, esses monstrozinhos humanos? Não creio que sejam felizes... e a felicidade deles é que importa.

Quanto ao riso dos adultos nem sempre é desrespeitoso. E' um processo de crítica mais mordaz... mas humana. Ninguém — a não ser os loucos — se ri dum sábio; mas rir-se dum enfatuado, dum paranoico, é justo, é humano... é, é caso sério.

E mesmo o facto de um indivíduo se rir de meio mundo — desde que não sofra do cocuruto — não significa que seja inconsciente nos seus actos, ou um irresponsável.

O direito ao riso é um direito que todo o indivíduo consciente sabe exercer.

Quando, em 1900, um construtor de automóveis construiu um que atingia 17 quilómetros à hora, afirmou com ar profético: Atingimos o zenit da velocidade!

Ninguém se riu? Se assim sucedeu... foi lamentável.

Quando, na Revolução Francesa, Lavoisier pediu a Graça da Vida para continuar as suas pesquisas científicas, responderam-lhe:

A República não necessita de sábios!

Ninguém se riu? Se assim sucedeu... foi pena!

Quando em combate se encontraram frente a frente o exército inglês e francês, o oficial francês, delicado, convidou:

— Senhores ingleses, atirem primeiro por favor!

E perdeu o combate.

Ninguém se riu? Foi pena.

A senhora possuidora de um tremendo apêndice nasal afirma da sua inimiga pública: Já repararam no seu nariz de vitela?

E' ou não de rir?

Ao orador que inicia o seu discurso, com um maço tremendo de folhas, dizendo: Prometo ser breve nestas simples palavras...

E' ou não de rir?

Quando um indivíduo de passado duvidoso e sujo, se ergue em determinada sessão e grita: Isto é moral!

E' de rir ou não?

HISTÓRIA TRISTE

ou a Tragédia Senil do SERAFIM JORNALISTA

(Extraordinário romance sentimental pelo reputado e conceituado poeta Barnabé Silva. Recomendado às virginais donzelas pois não tem gravuras porco-gráficas).

O Serafim era jornalista. Nascera com a mania dos jornais como nascera com sífilis no sangue. Partidas do Destino; dum Destino tão cruel que o unira pelos sagrados laços do matrimónio com D. Eulália Feiçta.

O Serafim era editor, director, proprietário e redactor do jornal «O Pirolito», com redacção à Rua de Traz, em Pampilhosa do Botão. «O Pirolito» imprimia-se na Tipografia «Almas Unidas» de que era proprietário o Serafim director, editor, proprietário e redactor do Pirolito, da Pampilhosa do Botão.

Ora naquele dia cinzento de Janeiro era véspera de saída de «O Pirolito», jornal progressivo, semanal e de maior tiragem de Pampilhosa do Botão, onde também se publicavam os periódicos «O Lírico» e «O Colibri».

Serafim, ou melhor, Serafim Barrote da Silva, estava na Redacção de «O Pirolito» com um ataque apoplético e uma unha encravada num pé.

Havia alguma razão para que o Serafim Barrote da Silva, director, editor, redactor, proprietário do famoso Pirolito estivesse tão altamente irado?

Havia — oh se havia! O redactor esquecera-se, lamentavelmente, de informar o jornal, do acontecimento mais sensacional da semana em Pampilhosa do Botão: — o roubo de um côco na Famosa Chapelaria Pires e Pires.

Serafim director estava irado contra Serafim redactor. Mas Serafim redactor afirmava que Serafim editor o tinha enviado à inauguração duma ponte sobre o Liz.

Serafim proprietário gritava: isto é um abuso do poder! Eu demito o director, o editor e ponho o redactor na rua.

Serafim tipógrafo pediu licença para falar. Cumprimentou o

director — indivíduo a quem uniam fortes laços de amizade — reconheceu que o proprietário era um homem de muita e muita iniciativa, afirmou que o Editor era um indivíduo de alta envergadura moral e confessou que o Redactor era um bem intencionado. Pediu para este a máxima benevolência comprometendo-se a fazer um ligeiro desconto na impressão do jornal, para contrabalançar o possível deficit de venda nessa semana.

O senhor director agradeceu comovido em breves palavras.

O senhor editor encolheu os ombros, indiferente.

O senhor redactor, com lágrimas nos olhos, agradeceu com um fungar de nariz.

O senhor proprietário, generoso, falou no espírito de alta camaradagem que unia os «constructores» do Pirolito e alongou-se em longas considerações. Quando terminou, Serafim editor, Serafim redactor, Serafim director e Serafim tipógrafo dormiram a sono solto.

E no dia seguinte o Pirolito afirmava, na primeira folha:

— Desde o redactor ao proprietário deste jornal, desde o director ao editor, todos se mantêm unidos na defesa do mesmo ideal:

Pelo Pirolito e em Defesa do Pirolito.

Há uma certa diferença entre certos médicos e certos exploradores científicos. Enquanto os segundos exploraram as cavernas, os primeiros exploram os possuidores de cavernas.

Esta é a história do médico que diagnosticou a um seu cliente uma bronquite e lhe receitou um xarope. Quando chegou a casa, o médico mandou chamar um colega porque tinha também bronquite.

Um caso muito discutido em Bordeus (França) foi o facto do Sr. Charles Dupont ter pedido a mão da menina Ivone Leletes que, segundo é público e notório, é maneta.

Mas mudemos de assunto:

Esta secção humorística que vamos criar será dentro em breve uma secção de *Crítica Humorística*. O facto de a fazermos de improviso, sem para ela estarmos preparados, impediu que lhe dessemos hoje a feição que pretendemos.

Esta secção é uma secção de crítica. E o facto de criticarmos humoristicamente os factos, não significa, que os julgemos de ânimo leve. Usaremos a lente que deforma o facto e caberá ao leitor corrigir a deformação até exprimir a qualidade.

Jud Carl

P. S. — O que faz rir no careca não é a falta de cabelo — é a sua pretensão em ter cabelo. O que faz rir no careca não é a cabeça em bola de bilhar mas a presunção no cachinho. E o que ainda faz mais rir é ter um cachinho substituto!

J. C.

PRIMEIRA FILA

A propósito dum recital
poético que se não realizou

Em minha opinião tratou-se deste caso no penúltimo número de "Rumo" com desnecessário excesso de pormenores, que não interessavam a ninguém, e parece-me que deixou de se dizer aquilo que, em boa lógica, deveria ter sido dito. Por esta razão me permito tratar de relance o assunto, rematando-o com algumas coisas justas e necessárias.

A illustre poetisa e declamadora D. Maria Manuela Couto Viana é uma senhora com deveres permanentes para com o seu lar. Certamente esta circunstância podia ter influído no seu retraimento em vir dar o prometido recital a Espinho, e a nós não compete julgar do valor e da extensão dessa circunstância.

São coisas demasiado íntimas que nos merecem todos os respeitos, e nem as discutimos sequer, embora todos aqueles seus deveres para com o seu lar não a pudessem impedir de dar aos rapazes da Associação Académica de Espinho uma satisfação pela deliberação tomada, cortezia que só lhe aumentava os nobres e altos predicados de que é possuidora.

Esta é uma das facetas da questão. Não é, todavia, a principal. O retraimento da illustre Artista pode dever-se a outras causas. A mim não me repugna acreditar na intervenção duma estranha terceira pessoa, que em tempos já teria sido possivelmente abordada para fazer um possível recital em Espinho. Essa terceira estranha pessoa, ao ter conhecimento de que Maria Manuela Couto Viana tinha sido convidada para fazer o recital da Associação Académica, pode ter-se sentido maguada pela substituição, e, esquecida da elegância e do pudor que um artista deve a si próprio, pode ter-se dedicado à tarefa de amesquinhar os intentos dos rapazes da Académica, malsinando até o próprio Ambiente em que a Artista devia pontificar numa tarde de indiscutível glória.

Não seria por este postigo falso que o gato foi às filhoses?

Mas nada de desânimos. Não morre, por este percalço, a ideia de trazer a Espinho outros grandes artistas declamadores.

Manoel Lorangeira

Faz no dia 22 de Fevereiro 39 anos que o poeta Manoel Lorangeira foi estoicamente de encontro à morte, estoirando os miolos com um tiro de pistola, na sua casa da rua 19.

Manoel Lorangeira vai ter este ano a merecida consagração através das homenagens que em sua memória projectam fazer-lhe os rapazes da Associação Académica, e ainda bem. Em Espinho, tirante meia dúzia de carolas co-

A ACADÉMICA FAZ ANOS

— «Algumas palavras sobre o aniversário da Académica...»
Concordei. Muitas e muitas coisas teria a dizer dos «velhos tempos», dos «tempos heróicos» da nossa querida agremiação. Mas, para quê? O mau tempo passou e serviu para aquilatar da nossa tèmpera, que se averiguou ser, desde logo, de *antes quebrar que torcer*. Os anos rodaram vertiginosamente. Criaram-se amizades, dissiparam-se antipatias, trilhou-se o verdadeiro caminho, da disciplina e da honra! Alguns, dos da primeira hora, desapareceram para sempre. Seria ingratitude esquecer, neste festivo momento, um nome que foi símbolo puro de desportista da Académica e que, antes de tudo era um desportista espinhense: o malgrado e saudoso Lino Luz!

Outros, sem dúvida, deram esforço semelhante ao desenvolvimento desportivo local, como o querido Martins de Almeida e o entusiasta Manuel Rosado. Mas tomando o nome de Lino Luz como o exemplo, creio que estaremos todos de acordo!

Em certa altura foi julgada útil e indispensável pelo Sporting Clube de Espinho a colaboração de Lino, numa ocasião em que as coisas entre o Sporting e Académica caminhavam «às avessas».

Ninguém podia duvidar do amor do Lino pela «sua» Académica. Mas, no seu formoso espírito, à sua ideia clubista sobrepos-se o sentimento bairrista. Consultou amigos. Queria a sua atitude bem apreciada. Creio que todos lhe dissemos que sim. E o Lino, ao envergar outra camisola, defendeu-a com o mesmo entusiasmo, o mesmo brilho, a mesma dedicação, como se, sobre o seu corpo nervoso, estivesse a camisola negra que ele tanto amava!

O grande exemplo frutificou. Outros atletas da Académica serviram o Sporting. E atletas do Sporting têm defendido entusiasticamente a Académica!

Os tempos continuaram a rodar e os mal-entendidos, pouco a pouco, desapareceram naturalmente, sem deixar saudades.

Esta colaboração entre as duas colectividades desportivas de Espinho impunha-se. Impôs-se por si própria. Dominou tudo e todos. Criou ambiente. E quando uma e outra têm que lutar entre si, fazem-no com apuro, com brilho, dando todo o esforço, ganhando ou perdendo dignamente para, terminada a contenda, serem unicamente espinhenses amigos!

Creio que os desportistas de Espinho não se aperceberam bem ainda do valor das suas colectividades, de indiscutível projecção.

Com efeito, qual a terra do país—Lisboa e Porto excluídos, evidentemente—que possui, como a nossa, bons grupos de foot-ball, ping pong, de volley, de hockey em patins, de hockey em campo, e de outras modalidades que, embora sem a categoria daquelas, são também valorosamente praticadas, como o tennis, o basket, a natação, a patinagem (nesta modalidade Espinho já teve um campeão de Portugal) e no tiro ao alvo? Tudo isto, afirmasse bem alto, lutando sempre com o maior brío, com um espírito desportivo incomparável, sobrepujando certas atitudes de alguns adversários e Associações, que, de tão nojentas, devem merecer unicamente o nosso mais completo desprezo!

A Académica faz anos... e eu creio que, comigo, todos os bons espinhenses lhe dão merecidos parabéns pelo muito que já tem feito em prol do desenvolvimento desportivo e cultural da nossa querida terra!

A. O.

mo eu, já ninguém se lembrava desse pobre torturado que atravessou a vida a sofrer, sem um Cirenéu que se prestasse a ajudá-lo a transportar a sua cruz.

E no entanto—já o disse alguns—Manoel Lorangeira foi um dos mais luminosos espíritos que passou por Espinho, e que, com o fulgor do seu nome, deu a Espinho um fulgor internacional que não podemos nunca esquecer.

Que os rapazes da Associação Académica cumpram por todos nós esse dever sagrado, e que não esqueçam, no número das homenagens a prestar ao grande Poeta, uma romagem ao seu túmulo no aniversário da sua morte, para a qual me permito lembrar fossem convidadas as Câmaras da Vila da Feira e a de Espinho—que simbolizariam nessa tocante homenagem o berço e o túmulo de Manoel Lorangeira.

Pedro Manoel

ALÉM-MAR ANGOLA

IV

Porto Alexandre, de que prometi aos meus leitores falar no artigo anterior, é, essencialmente uma terra que vive da pesca. O seu porto de mar natural, constituído por uma baía muito vasta, de águas mansas e profundas, torna-se, por assim dizer, um vasadouro das mais variadas qualidades de peixes, algumas excelentes, como a deliciosa garoupa, o saboroso linguado de posta, a murianga, o cachucho, etc., etc.

Um colonialista illustre, que viveu alguns anos em Espinho, depreciava a qualidade do peixe de Porto Alexandre. Mas, como esse senhor já não pertence, infelizmente, ao número dos vivos, perdemos a oportunidade para uma controvérsia na qual se concluiria que um de nós falava de cór... ou tinha mau gosto.

A extraordinária abundância de peixe justificou plenamente a criação de algumas fábricas de conservas e de farinhas, estas, evidentemente, para alimentação de gado, e para as quais há excelentes mercados consumidores.

Devemos dizer que há certos meses em que se pescam, diáriamente, CENTENAS de toneladas de peixe. A maior parte é transformada em farinha. Outra grande parte na seca, com boa utilização dos indígenas. Finalmente, a parte menor aplicada em conserva. Nesta modalidade utiliza-se, de preferência, o atum, a cavala e o sarração.

Aproveitam-se também os fígados de tubarão, o qual é pescado com muita frequência. Pode dizer-se que na costa sul de Angola, o tubarão é inofensivo. Um ou outro «anequim» — raríssimos! — ao qual chamam o pirata do mar, justifica a regra.

A vila foi fundada, não há ainda um século, por alguns pescadores de Moçamedes que ali acorreram seduzidos pela fama, aliás justificada, das astronómicas quantidades de peixe existente na famosa baía. E se não tivéssemos o receio de que alguns dos presados leitores duvidassem, diríamos que há uns anos atrás o peixe era tanto que se pescava... a cacete

O nível social é, como facilmente se depreenderá, bastante modesto, mas, duma maneira geral, a gente é boa, com muitas qualidades de trabalho e, portanto, capaz de progredir.

Porto Alexandre tem, hoje, cerca de mil habitantes brancos e três mil indígenas das mais variadas raças que são geralmente utilizados na faina da pesca.

Abro um parêntesis na descrição de Porto Alexandre para informar que, quase no extremo Sul da nossa riquíssima colónia de Angola, bem perto da fronteira natural constituída pelo rio Cunene, está hoje a erguer-se uma povoação—a Baía dos Tigres—que será no futuro, uma das grandes cidades ultramarinas. Facilmente se compreenderá isso

Continua na pág. 4

MAIS UM ANO

Continuado da pág. 1

pouco, bastaria a sua iniciativa de criar o RUMO, para sanar todas as outras faltas que porventura se notassem.

Através do Boletim, a Associação Académica passou a fazer ouvir ao desarticulado meio espinhense a voz dos novos, de como eles vêm os problemas da sua terra e de como gostariam que eles fossem resolvidos.

Fez-se pouco, sem dúvida. Mas, não só se foi muito além do que pode fazer-se normalmente, como se criou o mínimo de condições necessárias à obtenção de vantagens imediatas.

Que os novos cerrem fileiras em volta dos que sempre trabalharam e continuam trabalhando pela Associação Académica e não estará distante o dia em que poderá realizar-se completamente o objectivo projectado inicialmente.

Amadeu Alves Morais

NO XI ANIVERSÁRIO

Um pouco de HISTÓRIA



Vitória Incompleta

Havia qualquer coisa errada. E essa qualquer coisa era tão grande que tomava o mundo inteiro. Todos conheciam e defendiam o melhor caminho, mas ele continuava deserto. A doutrina estava longe da vida. Num mundo que apregoava a obediência às leis de Deus, que desejava paz, amor e pão, os seus olhos viam destruição, ódio e miséria. Palavras, só palavras. Na realidade, os homens que se diziam irmãos, dentro dos templos, lutavam cá fora, na terra que era de todos.

Só existiam fortes e fracos, vencedores e vencidos, grandes e pequenos. E como não podiam ser todos grandes e fortes, a luta continuaria sempre, e com ela a injustiça e a dor. E o homem conhecia e defendia o melhor caminho...

O pequeno e jovem sapateiro, não podia compreender. A sua alma voltada para Deus, para o amor, sofria com a maldade dos homens. A hipocrisia e a mentira maguavam-lhe o coração cheio de ternura e bondade. A incerteza e a dúvida envolviam-no num cerco apertado.

É um dia, um dia forçosamente diverso, sem sol, nem sombras, em que tudo era vazio e ôco, sem sentido, e só havia um caminho e a luz de relâmpagos, quebrou todas as cadeias e partiu em demanda da verdade.

Principiara uma das mais maravilhosas aventuras do Homem. George Fox, assim se chamava o jovem sapateiro, viveu isolado, num deserto, durante quatro anos. Anos de sacrifício e de meditação. Quando voltou, trazia a alma fortificada, esclarecida, e uma tarefa marcada.

Era preciso gritar aos homens a falência dum cristianismo sombrio e falso, causa de todos os males. O mundo fechara o cristianismo nos templos, em vez de o trazer para a luz do sol, para a vida. Era preciso fazer de cada homem, de cada coração, um templo. A paz reinaria na terra quando todos fossem irmãos e iguais, na bondade. Grandiosa e bem difícil era a tarefa que o esperava, mas ele acreditava em Deus e no Homem.

É a cruzada, a «missão da paz», começou.

De terra em terra, dormindo ao relento, passando privações, o jovem profeta apregoava um novo cristianismo, arrostando com o escárnio, a injúria e a violência. Os homens estavam longe do «oceano de luz» que ele prometia. Um puritanismo estreito e mau, fez dos devotos, dos defensores da doutrina, carrascos cruéis. Tudo suportou a bravura, a serenidade heróica e a fé na vitória final. A palavra do novo profeta, igual diante de peque-

A Associação Académica de Espinho foi fundada em 22 de Janeiro de 1938.

Logo no primeiro ano de existência se iniciou no Futebol, Basquetebol, Tenis, Ping-Pong, Atletismo e Oquei em Patins. Em futebol realizou 12 desafios, tendo por adversários: Colégio Almeida Garret, Colégio dos Carvalhos, Desportivo Feirense, Atlético de Espinho, Sporting de Espinho, Águias de Grijó e Mocidade de Oleiros.

Os melhores resultados foram os conseguidos contra o Colégio Almeida Garret (7-1), Colégio dos Carvalhos (6-2), Desportivo Felrense, na Vila da Feira (3-2), Atlético de Espinho (3-0) e Sporting de Espinho (3-5).

O primeiro grupo representativo do clube (contra o C. A. Garret) foi o seguinte: Ernesto Sousa, Alberto Vita, e Amparo Santiago, Orlando País, Jerónimo Reis e Sousa Marques; Alberto Rezende, Manuel Baptista, Higino Pires, Fernando Campos e Amadeu Morais,

Ao vencer o Atlético de Espinho por 3-0, a A. A. E. conquistou a primeira taça nesta modalidade—a taça Câmara Municipal de Espinho.

Treinava o grupo o sr. Abel de Oliveira um dos mais dedicados «académicos».

Apresentou o primeiro grupo de Basquetebol constituído pelos seguintes elementos: Manuel Mota, João Magalhães, João da Encarnação, Américo Magalhães e Augusto Silva.

Organizou em Agosto um torneio de Ténis para fortes fracos e principiantes, sendo finalista na primeira e vencedora nas restantes categorias.

Em atletismo, tendo por treinador o antigo campeão e recordista nacional Francisco Duarte, concorre ao torneio organizado pelo Sporting local, conquistando 4 primeiros lugares, 4 segundos e 5 terceiros, e o 2.º lugar na classificação geral.

Em 1939 apresenta a equipa de Volley-Ball, formada pelos sócios Tony Máximo, Higino, M. Rosado, J. Máximo, Carlos Ramos e Jerónimo cuja actividade começa por um torneio inter-sócios e termina pela vitória no campeonato da Costa Verde.

Em Ping-pong recebe a visita do Sport Clube do Porto a quem vence por 5-4 sendo representada por Jerónimo Reis, Eduardo Borges e José Lima. Organiza um torneio a que concorrem 9 equipas representando 5 clubes. Nova vitória classificando os seus «teams» A e B. O vencedor era constituído por Jerónimo Reis, Eduardo Borges e José Valente. Visita depois o Sport Clube do Porto, vencendo por 8-1.

Em 1940 aparece-nos o «team» de Oquei em Patins a disputar o campeonato do Norte e a Taça de Honra. Na primeira prova classifica-se em 5.º lugar e obteve o 2.º na Taça, à frente do Vigoro-

sa, a quem venceu nas Cavadas por 5-4.

Em Futebol defronta o União de Lamas e a SUD (Paços de Brandão), perdendo ambos os jogos pela tangente!

Organiza o campeonato da Costa-Verde em Volley-Ball a que concorreram 7 equipas, representando o Futebol Clube do Porto, Sporting de Espinho, Aguda, e 3 equipas suas. Obtem o 1.º e o 3.º lugares.

Aproveitando a tournée do Belenenses, opõe-lhe o seu grupo e ganha por 2-0. Bate depois o Benfica.

O «team» de Basquete continua em actividade e visitam sucessivamente Espinho, o Vasco da Gama, o Académico e o Belenenses.

Em 1941 a actividade desportiva aumenta.

Joga em futebol com o Mocidade de Oleiros e com o Senhora da Hora, batendo-o na própria casa por 4-3.

Em Basquete defronta sucessivamente: Faculdade de Medicina, Sangalhos Desporto Clube, Grupo D. do Parque da Aguda, Académico e Futebol Clube do Porto.

Concorre ao Campeonato da promoção da Associação Portuense de Ping-pong.

Ganha o torneio e ingressa na divisão imediata apenas com 1 derrota ao fim de 14 jogos e nunca com o seu melhor!

Em Oquei em Patins o grupo bate o Escola Livre por 6-4 e o Estrela e Vigorosa por 6-2, ganhando a Taça Amparo Santiago, Começa o Oquei em campo.

Primeiro jogo e primeira vitória. O grupo, formado por Anibal Lacerda, Anjos Neves, Nunes Ferreira, Alberto Vita, Hugo Sousa, Bandeira, Carlos Ramos, Antero, Higino, Amaral, e Joaquim Oliveira bate o Vigorosa por 5-2.

Inicia a prática do Tiro reduzido conquistando os dois primeiros lugares no torneio do Aero-Club, por intermédio de Franklim Reis e Eduardo Borges.

Funda, por iniciativa de Higino Pires, a Associação de Volley-Ball de Porto. Abandona depois a prática do futebol por considerar muito dispendiosa a manutenção desta modalidade.

Inicia a sua faina na parte cultural promovendo palestras entre elementos seus associados e convidando conferentes categorizados. Organiza e leva a efeito a disputa dos Jogos Florais da Costa Verde, serões de arte no Teatro Aliança, Sede e Grande Casino de Espinho.

Proporciona divertimentos aos espinhenses seus associados organizando bailes e festas elegantes, no Grémio, Aero-Clube, Grande Casino, Salão Nobre do Sporting Clube de Espinho, etc.

Leva a efeito, quando se temia a sua organização, as Fes-

ANGOLA

Continuado da pág. 3

quando se disser que a baía, onde o peixe é também abundantíssimo, têm cerca de trinta quilómetros de comprimento! Nela se poderiam albergar, á uma, todas as esquadras do mundo!

Já que estamos com o pensamento em notícias de sensação diremos que já estão plantadas em Porto Alexandre mais de SETENTA MIL árvores, na sua grande parte casuarinas. Faz-se, assim, a fixação das areias, num largo semi-círculo, ficando a vila quase defendida de tão incómodo mal.

A vila possui uma Igreja pequena, mas interessante. Se bem que nada tenhamos com isso, ousamos tomar a liberdade de chamar a atenção de S. Ex.ª Rev. o Bispo da Diocese para a residência paroquial, uma espécie de pardieiro forrado a zinco pôdre e esburacado, que se justificaria há cem anos mas que, hoje, é inadmissível.

Há um hospital, bastante modesto e já insuficiente para as necessidades, dirigido por um médico do nosso distrito—o Dr. Portas Jorge, de Cesar.

O novo edifício escolar, construído há cerca de um ano, é muito bom, sendo servido por um professor—o director da escola—e duas professoras.

Além dos edifícios públicos, a maior parte deles construídos no Bairro Poveiro, há já uma razoável quantidade de estabelecimentos comerciais, um cinema, com duas sessões semanais e mais dois recintos de diversões: o Clube Recreativo Alexandrense e o Imperial-Bar, este muito bem situado, com uma bela varanda sobre a baía maravilhosa.

O «Independente» de Porto Alexandre dedica-se á prática dos desportos, essencialmente o futebol e o «volley». Possui sede própria, embora modesta, e dois belos campos de jogos: o de futebol e o de «baskett» desporto este que pouco se pratica, aliás!

O clima é bom. Não há mosquitos infecciosos, o calor no verão suporta-se perfeitamente e no inverno... há frio, muito frio por vezes.

Porto Alexandre, simpática, progressiva, acolhedora, é uma mancha brilhante no interminável deserto do Namib. Terra de trabalho, de ordem, de futuro magnífico, terra bem portuguesa, terra de luz cariciante, eu comovidamente te saúdo. E, para os bons amigos que lá deixei, entregues a uma faina que me foi impossível acompanhar, aqui deixo um grande, um interminável, um saudoso abraço!



MINIATURAS

Continuado da pág. 4

nos e poderosos, nunca desceu. O sacrifício de Fox tinha de frutificar. E os amigos, bem poucos, surgiram. Formaram o grupo dos «Sessenta Bravos», empenhados na mais verdadeira das lutas pela paz. Mais verdadeira porque nascia dos pequenos.

O jovem sapateiro tornara-se um chefe. Os altos poderes adivinham o perigo que se desenhava com maior nitidez, prenderam o blasfemador. E, quando o soltaram, crenças nos efeitos das masmorras e na fraqueza do homem, verificaram a extensão do perigo que pretendiam eliminar. Assim, grande parte da vida do chefe «quaquer», passou a pertencer às prisões. Chamavam-lhe «quaquer», tradução de «tremedor», porque fazia tremer a consciência daqueles que o ouviam.

Corria o tempo e aumentava a legião dos «quaquer». A Inglaterra deixara de ser a pátria dos novos cristãos. Fermentava na América, o exemplo da abnegação de George Fox. A perseguição, a caça aos «quaquer», chegou a ser um desporto. Todos se empenhavam numa luta feroz e deshumana. O profeta apareceu nas terras distantes da América, após tormentosa viagem, para dar alento àqueles que sustentavam a sua palavra e sacrificavam as suas vidas. Em nome de Deus, odiava-se e assassinava-se.

De regresso a Inglaterra, aquela vontade forte, senhora dum corpo arruinado, decidiu uma viagem à Holanda e à Alemanha. A intolerância e a violência nunca deixaram o seu caminho, mas ele continuava sereno e inabalável porque sabia que alguma coisa havia de ficar.

Finalmente, quasi no fim da sua vida, metade da vitória estava ganha. Jaime II, em 1867, ordenou a proclamação de Indulgência — liberdade de religião.

Restava a paz universal.

A vitória não estava completa.

Quatro anos depois findava uma das maiores epopeias da vida humana.

«Espalhai entre os vossos irmãos, por toda a parte, a religião da vida... Ensinai-lhes que só existe no mundo um único templo — o coração do homem. E' aqui, e não no firmamento ou numa casa de campanário, que encontrareis a santa morada de Deus... Deus habita o coração humano, todos os corações humanos. Pois, na divina balança da misericórdia, todos os homens são iguais». Foram estas as últimas palavras do profeta.

Passaram-se anos. Vieram séculos. O mundo segue inalterável a sua rota. Apareceram novos profetas. A paz universal ainda é um sonho.

A vitória de George Fox continua incompleta.

Nuno Rangel

Inscrevendo-se como sócio da ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DE ESPINHO, cuida do seu futuro e colabora no engrandecimento da mais antiga colectividade do concelho



Obras de Defesa...

Talvez por efeito da idade, talvez porque sabemos ver para além das aparências, fomos sempre contrários à inércia e à morosidade. O Tempo é um bem precioso que não devemos desperdiçar.

Nas Obras de Defesa da praia de Espinho, impuseram-se, desde o início, dois princípios — oportunidade e utilidade. Oportunidade no aproveitamento das folgas que o mar concede e utilidade da conclusão urgente, vital para uma praia que é a única e verdadeira razão de ser desta estância de turismo de primeira classe. E' com tristeza que vemos o desprezo a que foram votados aqueles princípios. Se na primeira fase das obras houve vigor e dinamismo, hoje há fraqueza e morosidade.

Sabemos das dificuldades que têm surgido por via do mau tempo. Mas também vemos que nos bons momentos não existe a preocupação, a fôrça de outrora. E sabemos também do trabalho que poderia convergir na parte sul da praia, no prosseguimento e acabamento do que está planeado. Ouvimos falar num plano de urbanização e num desacordo. Espera-se a resolução, por quem de direito e, entretanto, o tempo vai passando.

Pouco falta, atendendo ao que há a fazer, para chegar o verão. Estivessem as obras da parte sul quase concluídas, com a rua e a esplanada prontas e a praia poderia ser localizada ali, fora do bulício e dos inconvenientes dos trabalhos. Assim, avizinha-se mais uma época balnear falhada.

Temos esperança de que o futuro se encarregará de dissipar os nossos receios. Não nos desiludam.

Espinho com mais uma fábrica é mais importante

Com a presença do elemento oficial, da imprensa, do comércio e indústria, e de outras individualidades destacantes, foi inaugurada no passado dia 8 do corrente mês, uma fábrica de carpintaria e marcenaria, sita no ângulo das ruas 18 e 39, e da qual é proprietário e gerente o nosso amigo José Augusto da Silva Quintas.

Foi ao Sr. Dr. Gemeniano Oliveira, ilustre clínico, que coube a honra de proceder à inauguração dum estabelecimento, que pelas suas instalações modernas honra a terra e a quem o construiu.

Notamos a boa disposição de todas as secções, muito completas, tanto em maquinaria como noutras instalações de carácter social. Numa haverá, por consequência, bom trabalho, noutras, boas condições de trabalho.

Aos brindes, no «Porto de Honra» oferecido aos convidados, fizeram uso da palavra o Sr. Dr. Gemeniano Oliveira e o Sr. Rodrigo Ferreira Dias, elemento directivo da Associação Industrial Portuense. Foram feitas as melhores referências ao bom senso administrativo, qualidades de trabalho, persistência e espírito de iniciativa do Sr. Quintas, bem como ao novo estabelecimento, por todos classificado de excelente, dentro das suas boas proporções.

Congratulamo-nos com a inauguração de mais este estabelecimento fabril, pois, como disse o Sr. Dr. Gemeniano Oliveira, «Espinho com mais uma fábrica é mais importante».

Maus sintomas...

Para aqueles que trabalham num jornal o melhor incentivo está na repercussão que os assuntos tratados possam vir a ter.

Desde o início, a orientação enérgica e definida do RUMO tem lutado com a indiferença. Hoje, podemos já contar com bastantes amigos e com alguma consideração. No entanto, momentos há que descremos do valor da opinião pública. E, se não fôra o conhecimento do sistema vigente dentro da sociedade espinhense, teríamos de chegar a conclusões desalentadoras. Na verdade, a opinião pública em Espinho faz-nos lembrar um favo de mel. E este nem sempre é da melhor qualidade porque as pequenas células não actuam de maneira idêntica, visando um fim único. As células vivem independentes e subordinam aos interesses individuais o bem comum. Deste modo, não pode interessar a discussão elevada e ampla por meio da imprensa.

Vem isto a propósito da reacção nula que provocaram alguns assuntos ventilados no nosso último número. Destaquemos dois: O concurso para o melhor programa comemorativo das festas do concelho e o Monumento aos Mortos da Grande Guerra.

Quanto ao concurso, apesar do prémio de 250\$00, não conhecemos até agora qualquer concorrente. O desinteresse foi total. Pois amigos, sabemos que nas tais células isoladas, além de sugestões, já se fazem críticas. Que tremam os responsáveis quando tudo estiver feito e sem remédio!

Quanto ao Monumento, ouvimos durante anos críticas acerbas e cremos que elas ainda existem. O silêncio feito à volta da pedra que atiramos, quase nos faz acreditar num crime!

Onde estão as vozes sinceras e conscientes?

EDITAL

José Monteiro Valente, Presidente da Junta de Freguesia de Espinho:

Faz público, nos termos e para os efeitos do disposto no Código Administrativo, de 31 de Dezembro de 1940, que a partir do dia 1 de Fevereiro e até ao dia 15 de Março poderão os chefes de família requerer a sua própria inscrição ou a de terceiros no recenseamento eleitoral desta freguesia, se uns ou outros, reunindo as condições de capacidade eleitoral, não estiverem inscritos.

Tem capacidade eleitoral e como tal podem ser ingeridos no recenseamento.

- 1.º — O cidadão português com família legitimamente constituída que com ele viva em comunhão de mesa e habitação e sob sua autoridade;
- 2.º — A mulher portuguesa, viúva, divorciada ou judicialmente separada de pessoas e bens, ou solteira, maior ou emancipada, quando de reconhecida moral, que viva inteiramente sobre si e tenha a seu cargo ascendentes ou colaterais;
- 3.º — O cidadão português, maior ou emancipado, com mesa, habitação e lar próprios.

Para constar se passou este e outros de igual teor que serão afixados nos lugares do

Um pouco de HISTÓRIA

Continuado da pág. 4

tas de Nossa Senhora da Ajuda-Festas do concelho.

O seu desenvolvimento desportivo ampliou-se bastante a partir de 1942, inscrevendo-se nos Campeonatos do Porto de Volley-Ball, Ping-pong, Hand-Ball, Hockey em Campo, Hockey em Patins, Patinagem e Basket-Ball. Em algumas destas modalidades a Académica venceu a sua presença como conjunto de boa técnica, nomeadamente em hockey em patins, vollei-ball, patinagem e Ping-pong conquistando o Campeonato do Porto da III Divisão nesta última modalidade.

Em 1945, a equipa de oquei em patins depois de num Torneio do Infante de Sagres se ter classificado em último lugar, vence o I Torneio da Costa Verde, de sua iniciativa, batendo o Infante, Vigorosa e F. C. do Porto e empatando com o Académico, ao tempo campeão regional, pelo que arrebatou a taça «Sporting de Espinho». Neste ano e até 1947 classifica-se sempre em terceiro lugar no campeonato do Norte, sendo relegada para a quarta posição em 1948. Recebe as equipas de honra do Paço d'Arcos, Hoquei de Sintra, Cascais e Académica da Amadora bem como os júniores do primeiro dos clubes citados, enquanto que se desloca a Braga, S. João da Madeira, S. Pedro do Sul, Coimbra, Figueira da Foz, João Gonçalves, em representação da Académica, obtém em Lisboa os títulos nacionais de 1.000 e 1.500 metros depois de ser campeão do Norte nas distâncias de 1.500 e 5.000 metros.

Renova-se a prática do ping-pong em 1948 e o título de campeão do Porto da II Divisão vem para Espinho, conquistando-se o acesso à Divisão imediata.

Com enormes sacrifícios participa no campeonato aveirense de basquetebol trazendo a Espinho as equipas do Benfica, Olivais, etc., enquanto que no oquei em campo há uma real subida de valor reconhecida pelos adversários.

No seu décimo ano de existência manda a um Torneio Popular de atletismo no Porto alguns atletas que marcam boa presença.

Em prosseguimento da sua campanha cultural organiza jogos florais, promove recitais poéticos, funda, em 1947, o seu Boletim, de todas as suas iniciativas culturais a de maior projecção e relevo, conquistando em breve a simpatia dos espinhenses.

Leia, Assine e Propague

RUMO

estilo e publicados nos dois jornais desta freguesia.

Espinho e Secretaria da Junta, 22 de Janeiro de 1949.

O Presidente da Junta
José Monteiro Valente

SOLCRIS

...é um store

ARMAZEM DE MERCEARIAS

Cereais — Toucinho
Gorduras — Sabões

Aires & Magalhães, L.da

605 — RUA 22 — 609
(Em frente aos novos Paços do Concelho)

Telefone 342
ESPINHO

Agrupamento Comercial e Industrial, L.da

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM
ESPELHAÇÃO
FOSCAGEM
Gravura artística
em vidro



CRISTAL
EM CHAPA

Vidro impresso
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: **OVAR** LARGO 1.º DE DEZEMBRO

DUARTE & C.ª

— Armazenistas de Mercaria —
Rua 19 - ESPINHO

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

Mercearia Porto ESPINHO

Príadores, 104 - Tel. 3771

— GAIA —

Rua Dezanove - Telef. 16

SABOARIA ATLANTICA

Rua 26 — ESPINHO

Cadinha & Couto

Armazenistas de Mercaria
Azeite, Cereais, etc.

RUA DEZOITO
Telefone, 52
ESPINHO

CASA SOUSA
PAPELARIA E LIVRARIA

J. Moreira de Sousa Júnior

Telefone, 99

Rua 19 N. 215 — ESPINHO

Carteiras, Porta-moedas, Pastas, Produtos de perfumaria — La Toja — Jogos, Novidades

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

SOL D'OIRO

DEGADO AO TEATRO S. PEDRO
RUA OITO
(Caves da Séde do Sporting Espinho)

Cerpejaria, Café, Bar com
secção de Adega Regional

ARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS
CHÁS E CAFÉS —
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVAS

TELEFONE N.º 37
APARTADO 37

União Comercial de Espinho, L.ª

ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFACÇÃO E MOAGEM
LICORES E XAROPES
UNIÃO

Rua 19 — 409 a 421
ESPINHO

PADARIA PROGRESSO

DE

Manuel Maria Valente

DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS

Fabrico esmerado de todas
— as qualidades de pão —

Telefone 6 - (PARAMOS)

SILVALDE

PADARIA MECANICA

A PÉROLA DE ESPINHO

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo, bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»
ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84 ESPINHO

FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS

— VENDAS POR JUNTO —

Baptista & Oliveiras

Únicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimenticias «Milaneza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.ª
Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses, L.ª
ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Telefones: 21
gramas: FARINHA
APARTADO, 5

Rua 62-ESPINHO

PADARIA PRIMOROSA

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especialidade em fabrico de pão de milho

— ESMERO E ASSEIO —

Rua 14, 833 ESPINHO

Tipografia Progresso

Execução de trabalhos tipográficos em todos os géneros

RUAS 11 E 20 ESPINHO

PELO DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO

DEVERES

Quando um atleta assume o compromisso de representar a sua colectividade, onde o amadorismo é integral e puramente praticado, tem deveres a cumprir, como se de um profissional se tratasse, e aos quais, se é honesto, não pode eximir-se, a não ser, claro, por comprovados motivos.

É na verdade lamentável que alguns — felizmente poucos — dos atletas indicados para representarem esta ou aquela modalidades, necessitem de repetidos avisos — tantas vezes feitos em ar lamuriento de pedido! E, só depois de muito instados, mau grado o compromisso anteriormente assumido, acedem a fazer aquilo a que, enfaticamente, classificam de «sacrifício».

Não! Não pode haver sacrifícios desta natureza. Mesmo que, das duas uma: ou se serve a colectividade porque há amor por ela, e neste caso o amor obriga ao tal «sacrifício», ou então, dados os casos atraz apontados, o melhor caminho é a desistência pura e simples porque, assim, a colectividade já sabe que não conta com eles.

Não pode nem deve ter foros de desportista o indivíduo que gosta de ver jogar o futebol, por exemplo, ou de praticar esta ou aquela modalidade, se o não fizer correctamente, disciplinadamente, respeitando, acima de tudo, os seus adversários. Estes são, infelizmente, para a maioria, não os adversários mas — os inimigos. E, também, se não tiver conhecimentos da «matéria» não pode o praticante supor que é um desportista.

Éis um assunto cujo desenvolvimento não cabe no reduzido espaço desta «Entrada em Campo». Concordemos todos, entretanto, que o desporto é uma das mais belas escolas de civismo, desde que os indivíduos que nele interfiram conheçam bem o seu «ofício».

Sem pretendermos melindrar seja quem fôr achamos que pelo facto de um cidadão ser uma pessoa de certa notoriedade numa terra não lhe dá credenciais bastantes para se intrometer nestas coisas do Desporto em que se exigem certos conhecimentos especializados. E, como ao praticante se aplica a mesma doutrina, entendemos que se justificam as primeiras palavras desta nota desprezenciosa.

Oquei em patins

Abriu a época oficial da modalidade com o Torneio de Abertura em curso. As equipas mostram-se destreinadas e desfalcadas mas este torneio tem para os participantes a vantagem de os movimentar, evitando assim uma inactividade longa. O vencedor está desde já encontrado e não nos repugna acreditar que venha a ser também o campeão regional e o primeiro da «Taça de Honra». Trata-se do Infante de Sagres. Para o segundo lugar deste «Torneio de Abertura» tem a Académica sérias pretensões que só serão possivelmente contrariadas, se não houver incidentes como é de uso, pela equipa B do Infante. O Académico, sem o concurso de Manuel Fernandes e com Correia de Brito em «estágio» durante uns tempos, apareceu irreconhecível pois que nas categorias inferiores não apareceu ainda jogador que se aproveitasse.

Nos dois jogos já efectuados, a Académica bateu a equipa B do Académico por 8-0. A toada de jogo foi de ataque dos nossos de tal modo que Rezende fez duas vezes a bolas mortas e Armando chegou a marcar um «goal». No segundo jogo defrontou o Infante, integrado de todos os seus elementos, e, após luta ardorosa, saiu derrotada por 5-2. João Gonçalves fez magnífica exibição, sendo bem secundado pelos restantes colegas. O resultado pode considerar-se muito bom porquanto Abel não jogou por doença e Carvalhas esteve grande parte do tempo fora do Rink por avaria nos patins.

Rezende, Armando, Alberto, Abel, João e Carvalhas constituíram a equipa.

Oquei em campo

A época de oquei em campo tem sido para nós bastante infeliz mercê, sobretudo, de atitudes menos honestas de indivíduos estranhos ao clube. Depois das já relatadas faltas de comparência, surgiu o jogo Ramaldense-Académica, em que um dos árbitros, acumulando asneira sobre asneira, injustiça sobre injustiça, foi instigando na nossa equipa tal nervosismo que a expulsão de Alberto Vita por ter pedido, como capitão, as razões da ordem de saída dada a um dos seus capitaneados originou o abandono do campo por parte da Académica.

A decisão dos nossos atletas foi precipitada e anti-desportiva, merecendo de facto censura, e faltariam irreparavelmente ao nosso lema de criticar e louvar quem o merece se pretendessemos eliminar a culpa que lhe cabe. Não podemos, no entanto, deixar em branco a desonestidade flagrante do árbitro que provocou tal atitude. É muito lamentável e pouco abonador da valia desportiva do oquei em campo a existência de senhores daquele jaez.

Saben os que foi pedido à Associação Regional um inquérito sobre os acontecimentos deste jogo sem que, até agora, se tenha recebido qualquer resposta. A Académica foi punida com dois jogos de suspensão; Alberto Vita foi castigado com 4 jogos; o snr. árbitro continua habilitado a praticar toda a casta de tropelias, conforme lhe der na real gana, sem que mereça dos dirigentes associativos a menor censura ou advertência. Achamos melhor abstermo-nos de comentários.

Duas Assembleias Gerais DA ACADÉMICA DE ESPINHO

Em 10 e 20 deste primeiro mês de 1949 reuniu-se a massa associativa do nosso clube em Assembleia Geral: para eleger os novos corpos gerentes que administrarão a vida clubista durante o corrente ano e para apreciar o relatório de actividades da gerência anterior, respectivamente. Ambas decorreram em perfeita ordem e dentro do mais cordial dos ambientes se bem que houve quem suspeitasse e, lá bem no íntimo o desejasse, que haveria «mosquitas por cordas». Cruel engano para esses apreciadores de dissensões e desavenças, e desilusão escusada se se tivesse na devida conta e se visse «com olhos de ver» o modo correcto e leal com que é de uso tratar-se todos os assuntos dentro da Académica.

Os resultados da eleição dos novos corpos gerentes são indicados no fim desta ligeiríssima nótula.

A Direcção da época de 1948 apresentou um relativamente longo relatório em que procurou dar à massa associativa uma visão, tanto quanto possível lata, do que fora a sua actividade e quais os obstáculos ou facilidades enfrentadas para levar a bom termo o mandato em que tinha sido investida. Para a clareza da exposição muito valeu o modo metódico como o relatório foi organizado. Houve cuidado minucioso em não deixar sem resposta qualquer pergunta que porventura se viesse a fazer, ressaltando-se que se poderia ter falhado em muitos pontos mas que o único fim em vista foi o de bem defender o prestígio do clube. Vem a talhe de foice dizer que, não obstante muitas defi-

ciências, muito e de bom se fez no ano passado o que se deve, na sua maior parte, à persistência, dedicação e esforço generoso de um elemento a quem a Assembleia Geral soube, generosamente e com toda justiça, agradecer — António Gaio.

Ao terminar o seu mandato, não esqueceu a Direcção do ano anterior de apresentar as seguintes propostas que receberam plena aprovação:

1) Um voto de agradecimento ao snr. José da Silva Mateiro pela cedência gratuita do antigo edifício do Colégio de S. Luís para instalação da sede do clube;

2) Um voto de agradecimento à Câmara Municipal de Espinho pelo subsídio de cinco mil escudos concedidos à colectividade em 1948;

3) Um voto de agradecimento ao Sporting Club de Espinho pela cedência do Salão de Festas da sua sede para a realização de Sessões Culturais;

4) Um voto de agradecimento aos clínicos Drs. Joaquim Pinto Valente, Joaquim Pinheiro de Moraes, Emídio Neves e António José de Miranda Valente pelos serviços médicos prestados ao clube;

5) Um voto de saudação à Imprensa nortenha;

6) Um voto de saudação a todas as entidades e colectividades desportivas em especial ao Sporting Club de Espinho.

Assembleia Geral

Presidente: Dr. António Nunes das Neves; Vice-Presidente: Dr. Joaquim do Amaral Coutinho; 1.º secretário: Alberto Jorge Pinheiro Brandão Barbosa; 2.º secretário: Armando Alves Moraes.

Conselho Fiscal

Presidente: António Ferreira Gaio; Secretário: Silvío Ferreira da Silva; Relator: Alexandre Henrique Brandão de Castro Lima.

Direcção

Presidente: Dr. Amadeu Alves Moraes; Vice-Presidente: Arq.º Jerónimo Ferreira Reis; Secretário Geral: Carlos Pinheiro de Moraes; Secretário Adjunto: Francisco Correia Rosa Giraldez Caldeira; Tesoureiro: Dr. Alfredo Virgínio de Barros Pereira; Vogais: Carlos Jerónimo Fernandes Pereira e José Almeida.

Substitutos

Presidente: Dr. Joaquim Pinto Valente; Secretário: Aníbal de Castro Lacerda; Tesoureiro: Milton da Cunha Pinho; Vogal: Mário de Miranda Valente

Futebol

O Sporting Clube de Espinho acaba de atravessar o momento mais crítico da sua vida directiva anual com a apreciação aos actos da gerência do ano anterior e a eleição dos futuros corpos gerentes. Nas assembleias gerais consecutivas, talvez mal apreciadas pela massa associativa a elas presente, notaram-se facções divergentes que só tinham uma finalidade: o bem do Clube. Assim, embora muitos se convencessem de que certos reparos com absoluto cabimento ocultavam qualquer obstrucionismo, não deve esquecer-se que aqueles que fazem cumprir os Estatutos do clube e demais regulamentos são os que mais podem dignificar os clubes, usando, para tal, das regalias que os referidos Estatutos e regulamentos lhes conferem. Para bem do Sporting, há alguém conhecedor dos assuntos directivos que, com ombridade, vai ás assembleias máximas fazer reparos para que o clube possa, de futuro, traçar directrizes seguras e construtivas que sejam o alicerce de futuras realizações.

No entanto, de entre o muito que se discutiu nestas Assembleias, afigura-se-nos absurdo que se tenha censurado os dirigentes dado que alguns deles estão integrados na gerência actual. Qual será a autoridade destes últimos se ao serem empossados novamente têm sobre os ombros uma repreensão votada pela assembleia geral? Nestas circunstâncias há muito que ponderar.

Resta-nos desejar bom sucesso aos corpos gerentes da corrente ano.

A. L.

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS

Pensa a A. A. de Espinho levar a efeito, na próxima Primavera, uma exposição de fotografias, reservada a trabalhos de amadores. Na mesma altura organizar-se-ia um concurso.

O assunto vai ser estudado com o maior interesse e, oportunamente, serão publicadas as condições. Assim, todos os amadores terão ocasião de apresentar os seus próprios trabalhos.

Estamos certos de que está reservado um bom êxito a tal manifestação artística.



Primeira Pedra

(Trecho do romance inédito «NO CAMINHO»)

Por RENATO DE VALNEGRO

E' o dia 1 de Dezembro de 1947. O sol deitou-se à bocado. Abeirado da janela, vejo pela vidraça a mancha negra da terra — montanha, campos, arvoredos — onde pousa, donde sobe — balão visto por dentro — o céu escuro com rasgões prateados. Um cão ladra ao longe — e não sei porquê. Lá em baixo a minha tia Célia fala — conheço-lhe a fala mas não entendo o que diz. O candieiro, sobre a mesa à qual escrevo, alumia-me: está. O fogo queima o pavio; e o espírito do petróleo arde. Meu nome é Renato de Valnegro e tenho vinte e um anos. Nasci na Índia, filho de português e indiana. Filho de brancos. Irmão dos outros. Retrato-me poeta, sinto; escritor. O meu primeiro romance invento-o agora. Arranco-o da vida. Tiro pedaços à vida que vi ou vivi. Verbo é modo de grito — desabafa. Cozi os montículos de barro que tiro dos caminhos ou do corpo nú da terra, amasso estátua que bafejo a sopro divinizador insuflado em mim no princípio dos homens por o ente que eternamente se concebe e dirige.

Isto é a verdade. Isto — ro-

mance — é a verdade. Isto é a verdade que Deus faz ou que o homem faz — próxima ou remotamente: que Deus faz.

Ora é ver. Reparo para lá fora através da vidraça e tudo é preto como se não existisse mais nada e o mundo acabasse na vidraça preta, preta. Quem diria que continua a haver natureza, a mesma de há pouco, delineada, recortada, rôta de platina, a mesma de ao meio dia doirada, cesárica, renascença, a mesma de manhã, donzela, rosa, anjo de procissão, perfume de jasmim?

Isto é verdade. Deus é verdade. Deus anda em tudo ou tudo é em função de Deus.

Casos para pensar... Obrigam a pensar! O que vou escrever já fôra destinado antes de eu nascer. Destinado igualzinho, sabido que eu, nascido, contaria, por minha vontade, o romance presente — afinal, do presente e passado e futuro. Oh! A velocidade de saber!

Que andaria em minha inteligência, eu oculto no ventre da mamã? Ela teria a barriga grande, a saía embicava... Esperava o momento de dar à luz.

Esperava o momento de dar à

O Recital de Florentino

Por VASCO LUÍS

Promovido pela A. Académica, realizou-se no passado dia 28, no salão de festas do S. C. de Espinho o segundo recital de poesia que Florentino efectua nesta vila.

A primeira observação, que este recital de Florentino sugere, vem logo duma impressão recebida ao entrar na sala, mesmo independentemente do trabalho de Florentino Goulart Nogueira: enquanto o primeiro recital dado por este Poeta teve uma sala meia cheia, este ofereceu-nos uma sala repleta de gente. Tal facto demonstra três coisas: a primeira, quanto tem subido o apreço por Florentino e quanto ele tem conquistado público com a sua arte; a segunda que, embora se soubesse que no programa abundava poesia representativa das correntes ditas modernistas, o público acorreu na mesma, o que significa que o nosso povo (e vimos lá pessoas interessadas das mais diferentes camadas e dos mais díspares graus de cultura), afinal, entende e aprecia

(ao menos sente — e a sensibilidade é «a maior riqueza espiritual da nossa gente») essa poesia; a terceira, que não é verdade o público de Espinho desinteressar-se das manifestações de cultura e do espírito, como muitos comumente se desculpa para evitar o incómodo de promover-lhas: vê-se que ele acorre até elas, as compreende, acarinha e aplaude, e isto quer dizer que só as não aprecia por as não ter e que a A. Académica, continuando por este caminho, está a prestar um bom serviço público.

É tempo de falar de Florentino.

Com um poder de receptividade agudo, com uma sensibilidade delicada, uma vasta cultura e viva inteligência, Florentino é, sem dúvida, um notável intérprete da poesia de todos os tempos, mas principalmente da dos nossos dias, talvez porque a sinta mais afim do seu espírito e da sua formação intelectual. E dentre os poetas, que o temos ouvido interpretar, aquele que, sem dúvida, ele melhor tem dito é Régio;

luz. Tivera apetites estranhos, esquisitos. As dores apertavam. A família esperava o primeiro rebento... Da árvore patriarcal... do ramo mais novo... esperava! Guinadas assaltavam as entranhas da parturiente. O momento... a chegar! Suores rebentavam-lhe nas frentes. Suor enredava-lhe a testa. Vinham pontadas fortes e finas, agulhas cravadas nas cruces, no úbere. Unhas cruéis arrancavam-lhe tudo no imo. Cerrava os dentes. Gemia. Gritava.

— Jesus! Jesus!!

Os ais eram golpe em cristal, estiletos no ouvido. Torcia-se, agarrava furiosamente o espaldar da cama, abanava-o corpo martirizado.

— Eu morro!!!

Nasceu enfim o pequerrucho. Um rapaz! Um homem! O herdeiro, o morgado!, meu anjinho! Corte-se o cortão umbelical. Fica outro a ligá-lo ao Universo. Lave-se. Inda fica a culpa original pra lavar. E depois... as misérias da carne, a estreiteza do mundo, as pisaduras da sorte.

Saíram cá fora as alviraceiras. Aos tios, aos primos, alegria! alegria! E' menino!

Foi bailado o correio. E no luzido do baile, lembrou outro mais, e maior! para o dia do batizado. E convites? Convites? E' já hoje!, pois quê? O Abílio, tio do recém-nascido, irá correr fado, em demanda de moças e mancêbos.

Abílio tinha vinte anos. Era grácil e delgado. De estatura mediana, pele branca, faces rosadas, tinha os cabelos negros como os olhos grandes. A boca era fina e recortada e risonha. Todo êle

ele mesmo, aliás, o elege a seu preferido, como demonstra a elaboração dos programas dos seus recitais.

Florentino possui ainda uma perfeita harmonia de gestos, um correcto manejo de mãos — e uma boa memória que o traíu neste recital, não porque deixasse de ser boa, mas porque Florentino confiou demasiado nela, convicto já de que ela tem obrigação de saber até... o que nunca lhe ensinaram...

A impreparação do poema que disse, de Carlos de Moraes, prejudicou um pouco o recital, pois lhe causou um enervamento de que se ressentiu na segunda parte mas quasi dominou na terceira. E já agora deve concordar-se que foi infeliz a escolha dessa *Ceguinha*, de C. Moraes, que destoava no meio do programa, quando podia, do mesmo poeta, encontrar avondes poesias muito superiores — que nele bastas existem. Parece-nos ainda que deve Florentino encurtar os seus programas para evitar a fadiga

RONDA

Dá-me a tua mão e dançaremos;
Dá-me a tua mão e amar-me-ás.
Como flor única seremos,
Tal uma flor, e nada mais...

O mesmo verso cantaremos,
No mesmo passo bailarás.
Como uma espiga andaluzemos,
Tal uma espiga e nada mais.

Chamas-te Rosa e eu Esp'rança;
Mas o teu nome esquecerás,
Porque seremos uma dança
Sôbre a colina, e nada mais...

GABRIELA MISTRAL

risonho, brincalhão, descuidoso. Encantador... Encantara Maria dos Prazeres, morena e vermelha, lábios quentes, olhos escuros e húmidos. Maria dos Prazeres, de queixo redondo, de grande cabeleira, de seios enriste, morenos, em pêra... Beijara-a na desfolhada, enquanto não se acendera a candeia que alguém tombou sem querer. Beijara-a bôca com bôca, uma só bôca. Guardava ainda o saibo quente, salgado, sanguíneo, daqueles beijos carnosos. Ela não o esquecerá também. Veio a cair pouco depois. Amáram-se com requinte, abraçaram-se com furor. Amantes três anos... já lá iam três anos! Ninguém o soubera nem sabia! Mas agora... Um filho! Casaria brevemente. O pai dele havia de se opôr. Mas êle venceria. Casaria êste mês ainda. E... quando o filho nascesse... Não nascem alguns com sete meses? Chamar-se-ia Décio! Entre a brancura do pai e o moreno doirado da mãe, estenderia Décio os seus bracitos tenros a ensaiar um abraço, ergueria a vôzita em berreiro... os três conjugados num amor! Quando tentasse um passitos, ou mesmo engatinhando... — Jesus!

O combóio passou, rápido, gritos de horror partiram da plataforma. Correram ao sinal de alarme, tocaram. Tocaram! O combóio parou. Gritavam. Cabeças à janela. Borborinho. Susurros.

Entrementes Abílio gemera: — Senhor! Perdoai-nos! É pensara já somente: — Ajudai-a!

Quando, apressados, chegavam os outros numa onda de misericórdia, curiosidade e compaixão, êle havia expirado.

que fatalmente o toma e, conseqüentemente, pode prejudicar.

Além dos poemas de Régio, que, como sempre, interpretou com brilho (especialmente o *Fado dos Ferros*), merecem referência as suas interpretações de «Panfleto» e «Cemitério», de Homem de Mello, de «Pinhal de El-Rei», de Lopes Vieira, da «Pátria», de Junqueiro, do «Deus em Tudo», de Miguel Trigueiros, e das suas composições «Escudo o Batuque», «Perseguição», «Sobre o Transi-tório» e «Aspiração» — porque Florentino, se é belo intérprete lírico, não é menos belo Poeta — mas cabe-nos aqui falar apenas do intérprete.

E' sempre com satisfação que se ouve Florentino; e as pequenas contrariedades que neste seu segundo recital se verificaram, não são de molde a empanar o brilho do seu valor, nem da altura da sua interpretação, nem da expressão da sua arte.

De resto, são contrariedades que está na sua mão impedir que se repitam.

S Ê D E

Por EMILIO M. DA COSTA ROSA

Dentro, um banalíssimo quarto de estudante: a velha cama de ferro, meia desengonçada e moída de insónias, os velhos móveis, onde serpentes mal esculpidas desaguam nas flores de madeira, e, a um canto, um velho violino; fora, o dia: o sol enrubesce no ocaso, babujando um arco-íris caprichoso, donde o sangue pinga perdulâriamente, na terra; as núvens, sem forma e sem corpo, são algodões saídos de qualquer chaga monstruosa e a poesia irrompe, vibrante, mas maravilhosamente serena, de cada canto, de cada pedra, de cada flor...

Dentro e fora: dentro a escuridão, o silêncio de chumbo; fora, a vida.

O corpo esmagado no leito e meio-diluído na penumbra, mexeu-se; o torpor evade-se e os olhos param, abertos. Há cortinas pesadas, mas, entre os rasgões das rendas, vê-se o sol, velho acrobata, ensaiar o fim do salto.

Um farrapo de nuvem foge da massa e, soltando-se das urzes do monte que lhe esfiam o manto, sobe em linha recta para o velho quarto, adoça os seus matizes e flutua no azul, sujando-o de arco-íris. Ei-la que chega! Aproxima-se da janela, endoa de lava o cortinado e, num delírio, as mãos sombrias se estendem, a procurar: a nuvem, felizmente, fugiu para trás do telhado e as mãos caem...

O sol, em novo arranco, desceu um pouco mais e é, agora, a rutilante curva do monte das mil cores; seus braços se alongam, provocantes, à escuridão e o pobre ergue a cabeça a namorar a jóia: entretanto, o velho rei parece deixar cair o rosto para trás e o sol quase se sumiu...

A luz opera um milagre: a forma diluída que estava afoga-

da no leito, condensou-se, é, agora, um corpo esguio, cuja alma se escoia, melancólica, no chorar do empoeirado violino...

A música fala; a música diz aquilo que ele tem vergonha de confessar a toda a gente (a quem?), aquela sêde de tudo, de todos, de luz, e de amor... A música diz o tormento do rico que não pode dar, porque é só rico de amor; diz o desespero do pobre que não recebe, porque só deseja amor...

O violino, já rouco, emudeceu. Os grilos, nas suas tocas fundas de mistério, cantam um hino ao sol que foge e à sombra que se avizinha, num coral de mil vozes, de mil tons, de mil significações. Ao longe, alguém agita um sino (será preciso alguém?): as badaladas correm, deslizam, bailam sobre penhascos e vêm, etéreamente, marcar os compassos de silêncio; vêm, vibram e passam, deixando sómente a saudade...

Os joelhos dobram, impotentes; a cabeça tomba, fervendo desesperos, raivas, vãos desejos; o violino, o sol, a música, o sino desaparecem, fúteis, melancólicos, dolorosos, mas sempre inatingíveis.

— « Bobby! Bobby! » — grita na esperança última, e, erguendo o corpo, olha assombrado o jardim, levemente coberto pelas asas da luz e onde, levemente, as plantas vergam à aragem...

Bobby era o cão.

Há flores, muitas flores, num caleidoscópio, num deslumbramento: aquela mancha negra de terra revolvida sobe, gigantesca, e cobre-lhe o horizonte com um epitáfio qualquer.

Descem rebanhos dos montes e, com resignação, uma corneta de pastor grita, geme, rouqueja de vale em vale; e então, a noite poussa, comodamente enovelada no silêncio e na paz...

Ligeiras notas críticas

"JORNADA" (POESIAS DE CARLOS VALLE)

Por NUNO COUTINHO

Se houve tempos em que os livros de versos aparecem como praga, este é um desses tempos. De menos em quanto, um esperançoso jovem atira-nos com um rebento da sua habilidadezinha. E a gente suporta. E, no meio desta superabundância, o público nega-se a ler mais versos, pois está fartíssimo de ser ludibriado com coisas vulgares ou péssimas. Só uma crítica conscienciosa, esclarecedora e firme poderá melhorar o panorama. Na desorientação dos mais carnavalescos modernismos, todas as fantasias originais (ou que pretendem sê-lo), todas as produções desconcertantes, todas as tecelagens ininteligíveis, todos os disparates acham audiência em « snobs », em incompetentes ou em comodistas intelectuais. A consequência é desastrosa; mas, apesar disso, apesar dos poucos pro-

ventos ou dos prejuízos monetários, os Poetas continuam a obedecer ao seu fado e a cantar, numa voz mais ou menos purificada, a realidade profunda dos seres.

Por outro lado, subsistem os rimadores que dizem banalidades em rima e com sílabas contadas. O público sem educação artística aprecia-os, por duas virtudes que, sendo importantes ou indispensáveis, não são, contudo, as essenciais: a música e a inteligibilidade.

Para fazer a crítica a um livro de poesia, seria, primeiro, preciso dizer o que se entende por Poesia. O espaço não o permite. Limitamo-nos a elucidar que Poesia é, principalmente, criação ou entrega dum ambiente, dum atmosfera, dum clima. Pela vontade, pela inteligência e pela emoção, chegamos a aderir a um poema

Panfleto

A rua é festa onde a ignorância é gala.
O facho corre a turba, mão em mão.
Fala-se em ódio e amor, só não se fala
Em dar mais sangue às veias da Nação!

E os carros passam, negros. Vão repletos
De moços de olhar forte
E fronte erguida
Todos analfabetos
Como a Vida
Que traz nos dedos o missal da Morte.
E por ti chamo ainda, ó bailador!
Domingos do Carreço, ó fandangueiro!
Como os demais, virás também traidor,
Negar quem te deu alma e corpo inteiro?
Então, eu que fui povo como tu,
Se ser do povo é pôr o peito nú,
Sem medo, ante o fulgor da labareda
Que sobe à Igreja onde nos batizamos
E às árvores das quais fomos os ramos
— Digo-te, em nome da Verdade: — Arreda!

E a rua é festa onde a ignorância é gala.
O facho corre a turba, mão em mão.
Fala-se em ódio e amor, só não se fala
Em dar mais sangue às veias da Nação!

Pedro Homem de Mello

(Inédito dum novo livro em preparação)

Pássaros do Outono

Cai a chuva no seio das campinas
Como cordas de vidro cintilantes!
Cai numa sinfonia de ruínas,
Sobre a fuga dos pássaros errantes.

Vem da bruma longínqua das colinas
Num prelúdio de outonos soluçantes;
Cai nos lagos de chumbo e nas ravinas,
Batida pelos ventos sibilantes...

E as gôtas vão rolando como estrelas
Sobre o manto das folhas amarelas
E na aresta gelada dos escolhos...

— Também na folha morta destes versos
(Canto amargo dos pássaros dispersos),
Cai a chuva serena dos meus olhos...

Ernâni de Melo Viana

e vemos as coisas num determinado panorama novo e a uma nova luz. Para esse efeito, se conjugam todos os recursos do artista empregados no esforço de traduzir o que sentiu.

O livro « Jornada », de Carlos Valle, não é obscuro e vê-se que um ouvido educado não o deixa perder o ritmo (O' ritmo sublime!), embora não lhe descubra inéditas

musicalidades. O estilo é sóbrio e dele se desprende um certo encanto. De longe a longe, escorrega no oratório, nas ideias feitas e nas imagens despidas de conteúdo. Mas também aparecem nesta obra algumas verdadeiras centelhas da Poesia verdadeira e composições francamente boas, valendo mais que livros inteiros de modernistas destrambelhamentos.

Os Novos Caminhos da Cultura

I

Uma Viragem da História

E', hoje em dia, um lugar comum pomposo o afirmar-se com ênfase que o destino dos Homens e do Mundo se encontra numa «encruzilhada da História», que todos estamos a assistir a «uma Viragem da História». Muitos daqueles que o dizem fazem-no mais pelo tradicionalíssimo costume de arriscar em recintos e ocasiões solenes um conceito acaciano de sonoro efeito, do que conscientes do verdadeiro e profundo significado que a bela frase encerra; mas outros dizem-no convictos da verdade e da realidade que afirmam. Esses outros constituem aqueles Homens progressivos, desmistificados e dignos capazes de compreender e interpretar a rede de acontecimentos, cada vez mais apertada em que todos vivemos envolvidos...

Quere dizer, a frase feita, o tal pomposo lugar comum — o lugar comum é quase sempre verdadeiro, à força de verdadeiro é que se torna banal — possui profundas raízes no chão da realidade, corresponde a uma visão colectiva dos acontecimentos, a uma corrente de opinião pública, de âmbito universal, a uma consciência mais ou menos esclarecida dos Homens Actuais, confiantes no seu próprio destino. Até os mais desprevenidos e mistificados, possuem essa «certeza» acêrca da «hora dramática» que estamos vivendo, onde a

«Viragem da História» surge não só inevitável diante dos acontecimentos materiais e ideológicos que se vão provocando e concatenando, mas também imprescindível ao próprio sentido e progresso da vida humana, no todo do seu complexo económico, social e político.

Até aqueles que não querem a tal «Viragem da História», que não podem desejar mas sim sômente repudiar e repelir, falam nela a cada passo, muito embora dando às suas palavras um outro sentido que mais lhes convem aos seus interesses materiais e ideológicos. A «Viragem da História» torna-se para esses — o magnate, o professor universitário, o académico representativo — uma questão formal mais ou menos brilhante, que voga ao sabor do talento de cada qual, adquirindo através dos belos similares arbitrários e artificiosos um sentido deturpador da realidade que, com mais ou menos propósito, com mais ou menos eloquência, pretende confundir e baralhar, por vezes em sedutores termos de exaltada demagogia, a visão colectiva dos acontecimentos, a corrente de opinião pública de âmbito universal, a consciência mais ou menos esclarecida, a que nos referimos há pouco.

Porém, inútil dialéctica formal de palavras sem conteúdo, impotente para subverter a dialéctica concreta e insofismável

DANTE ALBUQUERQUE escreve:

Meu amor:

Eu nem sei se saberei escrever uma carta de amor. Direi à toa o que sinto, ou o que eu puder dizer do que sinto. Dir-te-ei que estou triste — e tu bem o vês. Dir-te-ei que prefiro calar a voz da minha angústia, pois não vale a pena abrir a voz e a consequência disso era uma incerteza. Ignoro o que sentes e torturo-me a dar vários significados às tuas atitudes. Mas ainda que me tivesses afeição e ma confessasses, aceitando a minha, ainda assim ficaríamos presos à nossa condição — e infelizes. Daí resulta o meu silêncio: do meu temor. Haveria, porém, um lenitivo, é certo, se eu conseguisse revelar-te a minha alma. Tu lês nela — supponho; inteiramente, não lês. E eu continuo, portanto, sôzinho a desabafar comigo, que eu, sim, compreendo a minha dor... Passou o tempo e êste amor não passou. Muita coisa mudou e não mudou meu coração, meu coração envenenado para sempre. Adorei-te e não pude, não posso adorar mais ninguém. Minha vida é bruma onde só uma estrela constantemente faz velada: és tu.

Teu corpo foi meu, e, inigualável, sonha em mim o gôsto da tua boca. Mas, se materialmente me prendi a ti, não entendo o mistério pelo qual, não me bastando o espírito, eu dou tão pouca importância ao que há em ti de matéria. Apaixonou-me a tua beleza, mas amo hoje teus próprios defeitos e irregularidades físicas — porque te pertencem. Se um desastre te mutilasse os membros e tornasse tua face horrível e disforme, seria ainda mais intensa a minha ternura. Desejaria, apenas ter-te, ficar ao pé de ti, guardar-te egoisticamente, juntar nossas vidas, ser-te indispensável e amar-te — pois continuarias a ser quem me pôs a alma doente de maneira mortal. Nada me interessam tuas vestes, tua inteligência, teu corpo ou o teu rosto. Se olho tudo isso, não vejo senão o encanto poderosíssimo do teu sorriso e a candura enchente e desmaiante dos teus olhos. Perdendo, todavia, isso também, restar-me-ia chorar e conservar-te. E nem nada possuo, bem vês, além da mágua e do sonho.

Nesta miséria tamanha, qualquer farrapo é riqueza. Agra-

dos acontecimentos, que a Humanidade inteira está vivendo com maior ou menor dramaticidade, em qualquer latitude onde os interesses e os ideais se entrecam, quer seja nos campos de batalha, ou nas mesas das conferências.

Sente-se, lateja, debaixo dos nossos pés, que a estrutura básica de uma certa forma de sociedade criou dentro de si o caruncho que a corroi até à destruição e que o ruir ruidoso de tais alicerces arrastará com eles a queda de todas as super-estruturas ideológicas, que formavam a bela e rica fachada do edifício, que foi crescendo até atingir a cúpula das metafísicas justificativas e das éticas de compromisso.

A «catástrofe» desse belo edifício é mais do que uma ameaça, torna-se cada vez mais concreta, mais real, mais imperativa, mais categórica na sua existência física.

Ora, tal «catástrofe» seria realmente o fim, se outras forças não estivessem no sub-solo criando os alicerces, as bases, a estrutura de um novo edifício. Por ser assim, — por o julgar-se e saber-se assim, — é que a «Viragem da História» surge irreprimível aos Homens Actuais, que não tão sômente a aceitam como resultado do próprio «devir» histórico mas a desejam e a querem como única solução para o presente de

A seguir: «A MISSÃO DOS INTELECTUAIS»

Carta do meu
Coração

dar-me-ia, ao menos, facilitar-te a existência, satisfazer teus desejos e... poder encontrar-te contente à minha beira e por meu intermédio. Não consigo. Nada me é permitido mais do que sofrer e calar.

A vida apresenta-me doirados e suculentos pomos, concordo: amaldiçoados todos por este sentimento estranho e indestrutível. (E não o quero perder, apesar do mal que me faz). Importam-me lá a fartura, o conforto, as mulheres que me têm tido amor ou entregue o corpo e a alma, os homens que me dedicaram a sua admiração ou o seu apoio ou a sua amizade, os dotes do meu espírito e as produções do meu génio por cultivar? Importa-me que te amo, embora te não deseje, que adoro teu ser e tua presença física, ciosamente, embora não pretenda teu corpo. Não sou platónico, por conseguinte. Sou eu: condenado sem remédio. Tanto me modifiquei — para permanecer prisioneiro e

flecha apontando um alvo que não atinge!

Sou, hoje, como Viking de joelhos na praia, debruçado para a tua imagem real e esvaecendo-se pelas ondas do mar. Sou como quem se imaginasse marinheiro não sabendo sê-lo, como quem passasse os dias a contemplar na bruma vagas linhas de navio — um navio que não regressa... Entretecido com amargura e desalento, não espero que me entendas mas, apenas, que me sintas.

Afinal... a que vêm estas frases, esta carta? Documentos do conflito que é a minha cruz: duas linhas a ferir-se... Perdoame. Estive sômente a conversar comigo. Acertei. Acertei, meu amor, dizendo que não saberia escrever carta de amor nenhuma. Desajeitado, continuo ferindo-me nos silvedos e ferindo, talvez, alguém.

O meu amor estraga as cartas de amor. Por isso, me calo. Adeus.

No número 20 de «RUMO», Goulart Nogueira iniciará, com o artigo VERDADEIRO HUMANISMO, uma série de escritos subordinados ao tema ONOMEM NO MUNDO.